

# Umbandacarnaval

Luiz Felipe Ferreira

*Uma tentativa de perceber um dos muitos sentidos possíveis da festa carnavalesca leva a uma comparação entre a principal manifestação do carnaval do Rio de Janeiro atual - o desfile das escolas de samba - e uma religião de traços caracteristicamente brasileiros, e carioca - a umbanda. Este livre exercício comparativo nos permitiu ressaltar algumas oposições e outras tantas similaridades nestas duas expressões da alma carioca. Se as escolas de samba são uma tentativa de organização de uma festa transgressora, a umbanda, por seu lado, seria uma transgressão da função organizadora das religiões.*

## Introdução

Viena, *Kunsthistorisches Museum*, Na parede da sala dedicada a Bruegel, o Velho, vê-se uma de suas obras mais famosas, intitulada *O Combate do Carnaval e da Quaresma*. No centro do quadro uma mulher magra, árida e envelhecida, representando a quaresma, realiza uma espécie de justa medieval contra um homem gordo, montado num barril: o carnaval. Ocupando o resto da tela a população da cidade fictícia onde acontece o "combate" se envolve em atividades ligadas a um ou outro acontecimento. Ao fundo, no centro do quadro, um bobo tudo observa, impávido.

Festa profana por excelência, o carnaval, de origem remota, é o momento do excesso que precede a penúria da quaresma. Num instante simbólico localizado entre os dois acontecimentos, dá-se o embate entre os opostos. É na praça da pequena cidade medieval retratada pela imaginação de Bruegel que acontece a passagem entre os dois acontecimentos. Sob o olhar impávido do bobo. Símbolo ele próprio do instante intermediário que delimita os dois momentos e que é a própria razão de existir de ambos.

O combate medieval retratado por Bruegel atravessou o tempo e o espaço e desembarcou no Brasil sob a forma do entrudo português. Aqui se aclimatou, se adaptou e tomou ares tropicais mas não perdeu seu sentido de momento intermediário entre os deveres da vida "normal" e os prazeres do delírio carnavalesco. "É hoje só! Amanhã não tem mais!", ainda canta o folião. O combate do Carnaval e da Quaresma ainda acontece. Repete-se, hoje, o mesmo padrão de séculos atrás. E nós, tal qual Bruegel que se auto-representou como o bobo na cidade medieval, ainda olhamos os acontecimentos e tentamos compreender o sentido de tudo que se passa a nossa frente.

É dentro da longa duração dos festejos carnavalescos, e de sua relação de oposição à religião que iremos enfocar o nosso aqui e agora. Tomamos como matéria de nossa consideração duas manifestações características da alma brasileira, e carioca: A umbanda e as escolas de samba. Dois aspectos da "alma popular" em suas vertentes profanas e religiosas.

Limitamos o tempo ao momento atual, visto que nos interessou principalmente perceber as relações atuais entre "nosso" sagrado e "nosso" profano, estabelecendo os possíveis pontos de

contato e divergência que pudessem lançar alguma luz sobre nossa alma. Tal como o bobo de Bruegel, observamos o que se passa a nossa frente tentando captar alguns dos seus sentidos, visto que sua totalidade estará sempre além de nosso alcance.

Deste modo principiaremos por definir o sentido organizador da religião em oposição ao sentido transgressor do carnaval. Religião e carnaval tenderiam a se afastar de um ponto central fictício situado a meio caminho dos dois. A umbanda e as escolas de samba, em que pese serem consideradas legítimas representantes da religiosidade e da carnavalização nacionais, funcionariam em direção contrárias a seus continentes. Se, de acordo com o modelo proposto, religião e carnaval tendem a se comportar centrifugamente em relação do ponto fictício equidistante, o mesmo não aconteceria com a umbanda e as escolas de samba. Esta, imersa na folia carnavalesca possuiria um grande potencial organizador enquanto que aquela, apesar de religião, trabalharia também como transgressora. Umbanda e escolas de samba, então, tentariam anular a força dispersora existente entre religião e carnaval buscando, centripetamente, reencontrar-se naquele ponto de partida equidistante fictício. Momento de reunião entre carnaval e religião. Final improvável de um combate que começou na Idade Média e se estenderá enquanto houver mundo a ser ordenado e homens que o transgridam.

36

## Religião: uma organização do mundo simbólico

Dar nome, dividir, separar, **organizar**. Este o princípio básico da religião.

O sentimento do sagrado é uma das maneiras que o Homem tem de explicar aquilo que está além do seu conhecimento, isto é, aquilo que não pode ser decifrado por seu saber. O inexplicável precisa ser “domado”, tornado cotidiano, compreensível. Para tanto é necessário que seja organizado com base na sociedade que o envolve.

Todas as religiões em sua busca de estabelecer uma comunhão com o universo se esforçam para “pensar a realidade toda a partir da exigência de que a vida faça sentido”<sup>1</sup>. Por esta razão, o canto gregoriano, a catedral gótica e a

música de Bach podem ser interpretados como manifestações *organizadas* e *organizadoras* do sentimento religioso, dando sentido ao universo. Organizando-o.

O conceito de sagrado, administrado pelas diversas culturas, serve para estabelecer limites e parâmetros a um contexto cultural. Cada sociedade batiza como sagrados os gestos e objetos que a refletem e a explicam.

Além disso, ao sacralizar alguns conceitos em detrimento de outros, a religião está *organizando* uma divisão, uma fronteira que divide todo o universo em dois espaços: o das coisas seculares e aquele das coisas profanas.

Definida por Roberto DaMatta<sup>2</sup> como um meio de legitimar ou justificar a organização social e por Rubem A. Alves como uma “*teia* de símbolos, *rede* de desejos...” (grifo meu), a religião é a organizadora do universo simbólico por excelência.

O sentimento religioso, presente desde tempos remotos, sempre se associou aos ciclos da natureza. O solstício de inverno, a época das colheitas, a vindima, são acontecimentos cíclicos sacralizados, e teatralizados, desde a origem da sociedade humana. Os ritos das paradas de ano novo, por volta de 350 A.D., são descritos por Daniel Fabre<sup>3</sup> como “*un rite avec son ordre et ses récurrences*”<sup>4</sup>. Ordem e recorrência presentes, por exemplo, na fixação, no século IV, do nascimento de Jesus, em 25 de Dezembro e da visita dos Reis Magos, em 6 de Janeiro. O intervalo de doze dias entre as duas datas coincidindo com o das “doze noites” dos calendários celta e germânico.

Dentro deste quadro claramente organizador, a religião brasileira, isto é, o sentido de religiosidade da sociedade brasileira, tende para a complementaridade. De acordo com DaMatta<sup>5</sup>, as diversas religiões atuam em diversas áreas: a católica, nos ritos sociais externos (casamentos, batizados, mortes), as religiões de possessão na alma individual, funcionando, ambas como legitimadoras dos ritos de passagem.

Mesmo quando não manifestado propriamente numa “religião” tradicional, o sentimento de religiosidade, secularizado na psicanálise, na sociologia, na política e na economia, continua estruturando nossa sociedade. Organizando o

tempo, as festas, as relações sociais, numa grande teia que começou a ser tecida durante o primeiro contato do homem com o universo social e que estende seus fios até os dias de hoje.

## O carnaval como transgressão do mundo

### Carnaval no Mundo

Espanha, século XI, dia de Santa Ágata. As mulheres casadas de uma pequena aldeia tomam, por um dia, o poder em suas casas e nas ruas.

Rio de Janeiro, década de 1960, uma negra favelada desfila seminua pelas ruas da cidade diante de uma pequena multidão que a aplaude em delírio.

Dois fatos “carnavalescos” separados pelo tempo e pelo espaço, mas unidos em seu significado profundo: a inversão da relação entre os valores sociais. O mundo está, momentaneamente, de cabeça para baixo.

Reprimidas e obedientes ao chefe da casa, as mulheres espanholas da Idade Média, se tornam as donas do poder por alguns momentos. Do mesmo modo a negra carioca, relegada ao segundo plano do teatro social, passa a ocupar o centro a cena do espetáculo carnavalesco. Durante estes períodos, tudo é permitido.

O carnaval cumpre seu papel de momento de transgressão e inversão, quando nada é como deveria ser. Instante metafórico. Um tempo à parte. Deslocado.

Desde épocas remotas o carnaval, e as festas que lhe deram origem, possuem um claro sentido de transgressão, de inversão da ordem. Por algum tempo, o que é dominador passa a dominado, o que é reservado torna-se público, o que era sagrado agora é profano.

Daniel Fabre situa as mais remotas origens do carnaval nas *sacées*, festas realizadas, na Mesopotâmia, dois mil anos antes de Cristo<sup>6</sup>. Nelas *les hiérarchies sont tournéboulées, les serviteurs donnent des ordres à leurs maîtres; un prisonnier revêtu des insignes du roi régnant tient sa place*<sup>7</sup>. Servos que dão ordens a patrões,

prisioneiros revestidos de insígnias reais, hierarquia invertida. Momentos de transgressão, liberação, inversão. Momentos carnavalescos.

Passando pelas festas pagãs das antigas civilizações grega e romana, como as saturnais e as luperciais, é no feriado cristão medieval que acontece a elaboração da confrontação histórica entre o fogo pagão e a religião.

A partir daí os antigos deuses passam a ser identificados com o demônio cristão. As festas em homenagem a eles, verdadeiras orgias anárquicas onde as distinções sociais deixavam de existir, são banidas e mesmo o simples uso de máscaras, procedimento inversor através do qual se reelaboram as relações sociais, passa a ser encarado como um grave atentado ao criador.

Entretanto, apesar de todos os esforços da Igreja, é dentro de seus domínios que se estará estruturando novos sentidos de inversões carnavalescas. De fato é à sombra da Igreja Católica que nasce e cresce o carnaval propriamente dito.

Durante o período carnavalesco medieval, “a autoridade é (...) abertamente concedida aos mascarados”, que com o rosto coberto de fuligem e vestidos de retalhos de tecido ou simplesmente com as roupas pelo avesso (simbolicamente invertendo a normalidade) andam pelos campos, são recebidos nas casas onde comem e bebem sem serem reconhecidos<sup>7</sup>

É dentro da própria Igreja que se realizavam no século XIII os chamados “jogos insensatos”<sup>8</sup> festas onde a hierarquia clerical se invertia. Os subdiáconos tomavam o lugar dos dignatários. Danças, sermões bufos, cânticos de duplo sentido, mascaradas e padres disfarçados em mulheres lascivas eram parte das festividades. Tais acontecimentos, longe de se restringirem ao âmbito da Igreja, transformaram-se em cortejos que atravessavam as cidades que surgiam na época.

Em finais do século XVIII a desordem carnavalesca atinge seu auge<sup>9</sup>. Em Veneza as mascaradas desorientam a polícia. Não se pode saber quem é nobre, quem é estrangeiro. Uma fantasia marca este sentido de inversão de maneira clara: os *gnaghe*, que possuem sexo indefinido e falam com voz de falsete.

Fabre relata<sup>10</sup> que, em 1540, o carnaval “*n'est plus (...) un rite dont la mise en scène*

*engage, avec plus ou moins de passion, quelques jeunes masques qui se mettent à l'épreuve, il est un univers dans lequel on s'immerge*". Não mais um rito "teatral" mas um universo dentro do qual se imerge. Uma outra realidade, que é vivida como tal durante um período. A metáfora da imersão como a lembrar a nova relação dos sentidos com o meio que os circunda. Estar imerso na água é perceber o mundo de um modo completamente diverso do normal. Transgressão. Inversão.

## Carnaval no Brasil

Hoje eu não quero sofrer  
Hoje eu não quero chorar  
Deixei a tristeza lá fora  
Mandei a saudade esperar  
Hoje eu não quero sofrer  
Quem quiser que sofra em meu lugar (...)  
Quero me perder de mão em mão  
Quero ser ninguém na multidão

38

### O Primeiro clarim

É durante o carnaval que o povo brasileiro esquece o "sofrimento" diário e "extravasa" suas alegrias.

Este conceito amplamente difundido esclarece o sentido inversor do carnaval no Brasil. É durante a imersão no universo carnavalesco que o povo pode "superar" as situações difíceis do dia-a-dia. O habitante da favela, considerado pela sociedade um cidadão "inferior", torna-se um dos centros da atenção no desfile das escolas de samba. O intelectual circunspecto revela seu lado enlouquecido nas bandas que desfilam pelas ruas. O pai de família exemplar exacerba num travestimento a figura feminina.

Típico da sociedade brasileira, nosso carnaval possui, segundo DaMatta<sup>11</sup> um caráter "verdadeiramente inclusivista, aberto e democrático", principalmente se comparado ao carnaval dos Estados Unidos "aristocratizante, exclusivista e discriminatório".

As características de nosso carnaval funcionando como espelho invertido da nossa

estrutura social hierarquizada, representada pela frase "Você sabe com quem está falando?"

A liberação da individualidade no rito carnavalesco se dá no momento "onde buscamos transformar o particular no universal (...) o regional no nacional; (...) o individual no coletivo"<sup>12</sup>.

Ao estabelecer estas transformações o carnaval está criando o ambiente "ritual" onde as categorias e papéis sociais rigidamente segregados no cotidiano podem ser invertidos. Junta-se, deste modo, aquilo que está normalmente separado, "criando continuidade entre os diversos sistemas de classificação que operam discretamente no sistema social"<sup>13</sup>.

A transgressão no carnaval brasileiro pode se dar, entretanto, de modo bastante sutil. Quando DaMatta<sup>14</sup> coloca que na sociedade industrial é o ritual de coletivização (no caso, o carnaval) que irá fazer sucumbir o indivíduo no coletivo, está ressaltando seu caráter apaziguador, sua função de mantenedor da ordem social. Esta função estruturadora também se encontra presente do carnaval, podendo mesmo ser considerada sua razão de ser. Entretanto, para que ela possa se processar é necessário que sua atuação seja transgressiva, caso contrário ela não estará cumprindo sua função de reestruturar o inconsciente social. Deste modo, apesar de ser instrumento para a manutenção da hierarquia cotidiana, da "vida normal", o carnaval apresenta-se como momento transgressor finito, durante o período de imersão em seu universo particular.

Esta finitude do momento carnavalesco está no próprio cerne de sua existência transgressora pois se o instante de inversão se perpetuar, transformar-se-á em instituição. A quarta-feira de cinzas é uma ruptura necessária no sentido de preservar o caráter transgressor do carnaval.

A própria sociedade ao elaborar a definição de carnaval, exclui dela os elementos de ordem, pois ele "não pode ser sério"<sup>15</sup>.

### Uma festa sem dono

Nas manifestações carnavalescas, o foco recai mais no ato próprio do deslocamento que no local de onde saem ou para onde se vai. O importante é o prazer da viagem.

O carnaval seria uma festa sem dono. Tal característica é o que o diferencia dos ritos da ordem, das cerimônias do reforço das estruturas.

A liberdade de se criar sua própria fantasia<sup>16</sup>, de se reunir na "fundação" de um bloco, de se perder de mão em mão, de ser ninguém na multidão é o que dá a característica de nosso carnaval. Rico, multifacetado, capaz de se dividir e subdividir em grupos diversos de foliões, que voltam a se reunir em novas combinações multifacetadas, caleidoscópicas, o carnaval brasileiro está em eterno processo de se (re)organizar, transgredindo, deste modo, a estrutura hierarquizada de nossa sociedade. Lourinhas, Negas do Cabelo Duro, Mulatas, Chiquitas e Marias Candelárias podem coexistir pacificamente por alguns momentos num universo em que todos são iguais perante a si mesmos. Uma transgressão à brasileira.

## Umbanda: uma religião "carnavalizada"

### "Um Deus brasileiro"

Definida por Magnani como "o resultado de um processo de reelaboração, em determinada cultura histórica (...) de ritos, mitos e símbolos que, no interior de uma nova estrutura, adquirem significados", a umbanda é uma religião rica em contrastes.

Produto de diversas influências, a religião umbandista possui características que a colocam como ponto de interseção entre o candomblé, a macumba, o kardecismo e o catolicismo, sendo resultado de um duplo movimento pois, ainda segundo Magnani<sup>17</sup>

de um lado, apropria-se de elementos já existentes no seio de cultos, ritos e valores religiosos populares que constituíam a macumba e o baixo-espiritismo, bem como o candomblé; de outro, submete-os a um processo de depuração, reinterpretando-os dentro da lógica do kardecismo.

Um bom exemplo desta "apropriação" se encontra no livro Guerra de Orixá de Yvonne Maggie

Alves Velho na sua descrição de um gongá (altar):

(...) era uma mesa alta e larga (...) coberta por um pano azul claro sobre o qual se colocava outro de renda branca que descia até o chão. Sobre esta mesa havia duas prateleiras. Na primeira eram colocadas as imagens de Iemanjá, Iansã e Mamãe Oxum. Na segunda, vasos de flores e a imagem do Sagrado Coração de Jesus (...). Em volta deste Cristo, o Oxalá, havia um círculo de pequenas lâmpadas azuis. Em cima da mesa, do lado direito, uma imagem de "Seu Serra Negra", o Caboclo que dava o nome ao terreiro e, do lado esquerdo, uma imagem de São Jerônimo, o Xangô. Entre essas duas imagens eram colocadas outras como a de Nossa Senhora Aparecida (...), a de São Jorge em seu cavalo, o Ogum, (...) e ainda duas de Pretos-Velhos (...)

Opulenta em sua imagística a umbanda parece refletir o contexto social onde foi gerada. Seus santos espelham não só a mística das três raças que teriam formado nossa etnia<sup>18</sup> mas também, numa imagem invertida, as situações de inferioridade político-econômica a que tem se submetido uma grande parcela da população do país.

Os Exus e as Pomba-giras, entidades das mais cultuadas e respeitadas na Umbanda, são espíritos que representam malandros, prostitutas, feitiçeras e assassinos. Mas que nem por isso deixam de ser "santos" a seu modo.

Toda a riqueza signífica desta religião tipicamente "carioca"<sup>19</sup> e popular em sua "alma" a coloca na categoria que Alves classifica como "instrumento de liberação do povo"<sup>20</sup>.

A palavra liberação pode ser tomada, aí, tanto no sentido de libertação da opressão dos poderosos, dado por Alves como num sentido mais amplo, que abrange a desobrigação de uma tarefa. O trabalho desenvolvido nos rituais é associado ao prazer.

Com efeito, paralelamente a sua manifestação como religião tradicional, a umbanda

possui um caráter eminentemente desagregador, expansivo, fragmentador, transgressor, carnavalesco. Uma religião com “um Deus realmente brasileiro”<sup>221</sup>.

Atuando, sob este enfoque, num sentido contrário ao das religiões tradicionais, se estas possuem um caráter eminentemente organizador e estruturados, a umbanda age no sentido da transgressão de desestruturação, da “carnavalização”.

## Umbanda: carnaval

Não nos deteremos nas características de religião tradicional, portanto organizadoras da umbanda, sob pena de excedermos os limites deste trabalho. Recomendamos sobre o assunto a leitura dos dois volumes do livro *Umbanda: Os “Seres Superiores”* e os *Orixás/Santos*, de Valdeli Carvalho da Costa que apresenta uma classificação exaustiva do sincretismo umbandístico sob a perspectiva da Teologia Católica e do capítulo “O Simbolismo da Umbanda” in *O Que É Umbanda* de Patrícia Birman.

É o caráter transgressor, fragmentador, expansivo da umbanda que será objeto de nossa análise. Tal caráter dá a ela sua singularidade em relação às outras religiões “brasileiras”.

## Inversão

Assim como no carnaval, a umbanda processa, dentro de seu universo, uma inversão dos valores estabelecidos na sociedade. Se no carnaval “*un prisonnier revêtu des insignes du roi régnant tient sa place*” nos rituais de umbanda os “inferiores estruturais” são transmutados em personalidades quando possuídos pelos espíritos de índios, pretos-velhos, exus e pombas-giras<sup>227</sup> (grifos do autor). O indivíduo incorporado pela entidade passa a exercer uma ascendência sobre os outros participantes das atividades religiosas.

Alves deixa bastante claro que o fato de alguém “ter estudo”, isto é, possuir uma formação cultural acadêmica, não faz com que esta pessoa

exerça nenhuma influência na hierárquica no terreiro. Ao contrário, este tipo de conhecimento era, inclusive, tido como sinal de ignorância perante o pai de santo, que, por sua vez era pedreiro.

## Confusão

Mistura de ritmos, raças, categorias sociais. Profusão visual “antropofágica”. Vida e morte reunidas num mesmo ritual. Todas estas características “acumulativas” podem ser aplicadas ao carnaval e a umbanda indistintamente.

Se no carnaval encontramos, unidos pela “folia” o patrão e a empregada, o negro e o branco, o rico e o pobre, num ritual catártico que subverte os papéis sociais tradicionais, o mesmo acontece nos rituais de umbanda, onde uma “dama da sociedade” branca, pode consultar-se com um Preto-Velho incorporado num pedreiro.

Reis, índios, monstros, egípcios, tiroleses se misturam e se confundem nos instantes da fantasia carnavalesca, compondo um painel multifacetado e curiosamente coerente do universo carnavalesco. Do mesmo modo, a aproximação de elementos aparentemente díspares tais como imagens de Xangô e do Sagrado Coração de Jesus, conforme descrito acima, dá à umbanda sua “unidade diversa” característica.

Relacionada ao carnaval desde tempos antigos, a morte possui com esta festa uma “relação mais íntima”<sup>223</sup> clareada quando se percebe que o carnaval é originalmente uma festa de despedida da vida em face a quaresma que se aproxima, marcando o momento em que se torna necessário se “levantar” da mesa. O *carnisprivium*, termo forjado pelos clérigos latinos da Idade Média, significando a privação da carne. O carnaval é, sob este prisma, uma festa da vida que se prepara para a morte. Uma celebração. Um rito de passagem. Um traço de união entre o mundo dos vivos e dos mortos.

A mesma relação vamos encontrar na umbanda. Vivos e mortos se confundem e se contam. Os espíritos dos mortos orientam e influenciam nas ações dos vivos. Estes, por sua vez, fazem oferendas em favor dos espíritos,

facilitando sua adaptação ao mundo dos mortos. Morte e vida reunidas num ritual de possessão. O “cavalo”, possuído, deixa de ser ele mesmo e passa a incorporar um espírito. Momento simbólico entre a vida e a morte. Momento de passagem; de relação vida e morte.

### Eu quero passar

Ô abre alas que eu quero passar  
Eu sou da Lira, não posso negar

Abre-alas

Como é que eu posso por ela trocar  
A emoção de ver Wilma passar  
Com o seu estandarte na mão

O Conde

Eu vinha pela madrugada  
Pela avenida toda iluminada  
Amanhã os ranchos vão passar  
E meu amor vai desfilar

### Avenida Iluminada

A idéia de passagem é recorrente no carnaval.<sup>24</sup> As escolas de samba, os blocos e as bandas *passam* nas ruas e avenidas. Diz-se que uma escola de samba “*passou bem*” quando ela realiza um bom desfile. De fato, o carnaval é um momento de passagem marcando a entrada da quaresma numa “verdadeira cerimônia de abertura”<sup>25</sup>. É, portanto, uma intermediação. Uma ligação entre dois mundos. Um mundo de fartura, ligado a terra e aos prazeres, e um mundo de carências, ligado ao espiritual.

Do mesmo modo, a entidade mais popular da umbanda carrega a mesma carga simbólica: Os Exus.

Considerados como a categoria mais baixa dos santos da umbanda, os Exus são entidades que possuem forte relação com o mundo terreno. Trabalhando na área da ambigüidade eles fazem tanto o bem quanto o mal.

Exu está mais afeito às questões terra-a-terra (...)

Exu não é bom nem mal, estando além destes conceitos, é apenas justo dentro de suas funções.

### Os Exus<sup>26</sup>

Representam, portando, uma passagem, um momento de interseção, uma relação entre opostos, do mesmo modo que o carnaval. Marlyse Meyer<sup>27</sup> compara o exu com seu caráter “malicioso, malandro e virador”, aos *zanni* da *Commedia Dell'Arte*, mais precisamente ao Arlequim. Este, um dos principais personagens do carnaval.

Não é à toa que os Exus são chamados de povo da rua. Rua onde se desenrola a festa de carnaval. Onde passam os blocos de sujo, as escolas de samba, os mascarados fantasiados freqüentemente de diabo, outra das simbologias dos Exus.

### Segmentação e fusão

Abaixo, seguem-se alguns exemplos de formação de novas escolas de samba e de novos terreiros de umbanda:

(...) Três escolas de samba existentes no morro do Salgueiro deram origem à escola [Acadêmicos do Salgueiro]: Unidos do Salgueiro, Depois Eu Digo e Azul e branco (...). Esse número exagerado de escolas de samba num mesmo local trazia como consequência o enfraquecimento das três. Os sambistas mais esclarecidos perceberam o fato e tentaram a união.

(...) Em 1949, insatisfeitos com o carnaval apresentado pela Unidos da Terra Nova, os sambistas da área fundaram a Caprichosos de Pilares.

(...) A Estácio da Sá nasceu da fusão das mais tradicionais escolas de samba existentes no morro de São Carlos: Paraíso das Morenas, Recreio de São Carlos e Cada ano sai melhor

(...) Foi Amaury Jório quem idealizou a fundação da agremiação [Imperatriz Leopoldinense], com os dissidentes da Recreio de Ramos.

(...) Numa reunião realizada na casa de dona Eulália do Nascimento, componentes desgostosos com o carnaval apresentado pela Prazer da

Serrinha, tentaram formar nova diretoria. Não obtendo êxito, rebelaram-se e, nesse dia, surgia a Império Serrano (...)

## Memória do carnaval

(...) O terreiro foi inaugurado por um grupo de 14 médiuns e ainda algumas pessoas que (...) eram ligadas a estes (...). Foi nesta época que o grupo resolveu abrir um terreiro para "ajudar" a Mãe-de-Santo que era "excelente" e, como era "muito pobre", não podia abrir sozinha. Diziam também que no terreiro de origem não tinham "conhecimento", enquanto no novo todos eram amigos.

(...) Assim iniciou-se um novo drama, com a abertura de um novo terreiro sob a chefia de um novo pai de santo, o antigo Presidente. O certificado da Congregação transferiu-se para o seu nome. Mário tornou-se Pai-de-Santo e Presidente do novo terreiro, "Tenda Espírita C. J."

42

## Guerra de orixá

As citações anteriores ilustram com clareza as semelhanças dos processos de surgimento de novos grupos tanto entre as escolas de samba quanto na umbanda.

Em ambos os casos os procedimentos de segmentação e fusão desempenham papel primordial na expansão dos grupos.

A partir de núcleos estabelecidos, começam a surgir questões internas que passam a tornar inviáveis a manutenção da formação original. Tais tensões, freqüentemente de ordem política, acabam por fragmentar as formações originais. Multi-plicam-se, assim, os grupos que passam a representar todas as novas ordens de pensamento.

O procedimento oposto, isto é, fusão de grupos, é aparentemente mais comum nas escolas de samba que na umbanda. Sendo necessário um estudo mais aprofundado desta forma de surgimento de novos terreiros. Entretanto, no próprio exemplo citado por Velho, a origem do terreiro em questão se dá pela união de elementos dispersos ("um grupo de 14 médiuns e algumas pessoas ligadas a estes").

Fica claro, entretanto a estreita semelhança nos processos multiplicativos dos grupos

## Umbanda carnaval

Umbanda e carnaval. Religião e profano interligados. Buscando uma aproximação provável e impossível. Uma relação ambígua. Procurando unir os opostos. O bem e o mal. O sagrado e o profano. Num símbolo invertido. O homem fantasiado de mulher com uma enorme mandioca amarrada entre as pernas, como narra Jorge Amado em *Dona Flor e seus Dois Maridos*, a empregada doméstica que se transforma em portabandeira, a principal figura do desfile das escolas de samba. O malandro que se transformou em Exu sagrado e a prostituta que depois de morta passa a ser respeitada como Pomba-gira. Ambigüidades que aproximam a umbanda e o carnaval. Madame Satã sobre um carro alegórico desfilando na Passarela do Samba.

Satã é mais um anjo  
Que o inferno acolheu  
A Lapa é o mundo  
Que jamais ele esqueceu<sup>28</sup>

## Escolas de samba: transgressão organizadora

Freqüentemente se confunde carnaval com escola de samba. Muitas são, entretanto as diferenças que separam a espontaneidade de manifestações de rua, organizadas ou às quais se adere voluntariamente, da tremenda organização atual de uma escola de samba.

Estas, em que pese sua origem carnavalesca, têm se desvinculado cada vez mais dos sentidos do carnaval. Se o carnaval transgride, as escolas de samba organizam.

José Carlos Sebe, em seu livro *Carnaval Carnavais*, ao refletir sobre a questão do tempo da festa, expõe a divisão dos estudiosos do

assun  
"circu

como  
reprim  
gresso

carna  
prog  
conse  
vida,  
meus)

maior  
e em  
transg  
que es  
uma  
limita

trans  
enqua  
forte

transg  
é con  
desfil

das fi  
escol  
primá  
profa  
permi  
seus

Arte &

anção  
 assunto em dois grupos: os “continuístas” e os “circunstan-  
cialistas”.

(...) Para os “continuístas”, o carnaval é uma festa muito antiga que, através dos tempos, tem-se adaptado, transformando em parte o seu significado original.

O grupo “circunstan-  
cialista” parte do princípio contrário, isto é, explica o carnaval menos pela tradição e força da dramatização dos significados mitológicos e ritualísticos e mais pelos valores momentâneos que transparecem na celebração.<sup>29</sup>

Os “continuístas” entendem o carnaval como uma festa ligada à manifestação de desejos reprimidos pela sociedade. Uma festa transgressora, liberadora.<sup>30</sup>

Já os “circunstan-  
cialistas” percebem o carnaval “como uma festa *racional, permitida, programada* pelos homens. (...) um desafogo *consentido* pelos articuladores do funcionamento da vida, dentro de um sistema socio-político” (grifos meus).

Ambas as teorias podem se enquadrar em maior ou menor grau no carnaval como um todo e em suas manifestações. Se ele é uma festa de transgressão, liberando a manifestação de forças que emergiam reprimidas no cotidiano, é também uma celebração permitida e, até certo ponto, limitada no tempo e no espaço físico<sup>31</sup>.

É claro, no entanto, que o potencial transgressor da folia carnavalesca, embora enquadrado, possui como sua característica mais forte a liberação dos sentidos.

Aparentemente classificadas neste conceito transgressor estão as escolas de samba, entretanto é como festa mantenedora da ordem que este desfile melhor se define.

Originadas, dentre outras manifestações, das festas de Nossa Senhora do Rosário<sup>32</sup>, as escolas de samba estabelecem desde seus primórdios uma “transposição do sagrado para o profano”<sup>33</sup>. É, no entanto, enquanto festa *permitida, racional, programada e consentida* que seus desfiles atingem o apogeu. A partir de 1935

“a padronização começava a se instalar na estrutura das escolas”<sup>34</sup> com a obrigação do registro oficial sob a sigla GRES (Grêmio Recreativo Escola de Samba) e a oficialização dos concursos.

Desde então, a organização das escolas de samba, com temas nacionais, alas obrigatórias, tempo máximo (e mínimo!) para desfiles tem ressaltado cada vez mais o caráter estruturador, organizador desta manifestação cultural.

Viajando nas asas do carnaval transgressor, as escolas de samba lançam um olhar cobiçoso para os lados da ordem, da organização, *topos* característico da religião. Esta relação escola de samba-religião foi magnificamente interpretada por Paulo César Pinheiro Pinheiro, Paulo César em seu samba-exaltação<sup>35</sup> à Portela onde traça um paralelo entre o sentimento religioso e a emoção de assistir sua escola passar:

## Portela

Eu nunca vi coisa mais bela  
Quando ela pisa a passarela(...)  
(...) Parece a maravilha de aquarela que surgiu  
O manto azul da padroeira do Brasil  
Nossa Senhora Aparecida (...)  
É a procissão do povo abençoando  
a festa do divino carnaval (...)  
(...) As pastoras e os pastores  
Vêm chegando da cidade ou da favela  
Para defender as suas cores  
Como fiéis na santa missa da capela  
Salve o samba, salve a santa, salve ela  
Salve o manto azul e branco da Portela  
Desfilando triunfal  
Sobre o altar do carnaval  
Portela na avenida

## Escolas de fé

A propósito do carnaval francês do século XIX, Fabre<sup>36</sup> comenta que “quanto mais o espetáculo incha e se diversifica, mais a necessidade de uma carpintaria ritual específica

se impõe”, ou seja, por mais transgressor que seja o carnaval, o seu crescimento como espetáculo, e aí destacamos o desfile das escolas de samba, passa a impor-lhe uma organização estrutural cada vez maior.

O espetáculo do samba, que se realiza, principalmente, no Rio de Janeiro, na Passarela do Samba, possui características muito próprias que o afastam gradativamente de sua origem carnavalesca e o aproximam do sentido de religiosidade.

## A localização

Durante muitos anos o desfile se realizou em ruas da cidade especialmente “adaptadas” para ele. A “rua” era o local próprio do evento, em oposição à “casa”<sup>37</sup>. Este espaço externo ainda se opunha a outro que é o da parada de 7 de Setembro, “local historicamente santificado”. Com o advento da Passarela do Samba perderam as escolas de samba o sentimento da rua e ganharam um palco, uma fronteira espacial, que as afasta cada vez mais do carnaval, festa sem fronteiras por excelência<sup>38</sup>. A festa cada vez mais se institucionaliza. O samba passa a ter seu templo.

Além disso, é cada vez mais nítida a separação entre quem desfila e quem assiste. A cada ano que passa as escolas vêm se distanciando da comunhão com o público característica dos desfiles das décadas passadas<sup>39</sup>.

## A organização

Enquanto o carnaval trabalha no sentido da desorganização, (desestruturação), da sociedade, invertendo os papéis e fazendo com que plebeus passem a reinar, homens se vistam de mulheres e a rua se transforme na “casa” do folião, as escolas de samba funcionam como uma espécie de reestruturação da inversão. A organização de um desfile se manifesta em diversos momentos: 1) As alas são colocadas em locais predeterminados tanto pela evolução do enredo quanto pelas cores e formas das fantasias deixando de ser uma reunião espontânea de foliões,

2) os desfiles passam a organizar as alas na avenida, dispostas por filas e colunas, 3) a movimentação das alas passa a buscar uma uniformização de movimento com momentos onde, por exemplo, todos levantam os braços ao mesmo tempo<sup>40</sup>, 4) a estrutura da escola, durante o desfile, reflete a estrutura social do meio onde ela se insere pois, sobre os carros alegóricos, os destaques são as figuras proeminentes do meio social da agremiação enquanto que às camadas mais baixas cabe o papel de passistas, cada vez menos valorizados nos desfiles<sup>41</sup>.

## O tempo

O carnaval necessita ter um início e um fim, para sua continuidade como transgressor da ordem estabelecida, caso contrário, isto é, se ele se prolongar infinitamente, deixa de ser o transgressor e passa a ser ele próprio a ordem. As escolas de samba, ao contrário das outras manifestações carnavalescas, extrapolaram este sentido de finitude cíclica. Como entidades estruturadas, é cada vez mais freqüente sua apresentação em eventos durante todo o ano. O próprio conceito de quarta-feira de cinzas é subvertido pelas escolas, na medida que o desfile das campeãs se realiza no sábado seguinte ao carnaval, em plena quaresma. Todo o sentido de finitude, de passagem entre dois mundos, discutido no capítulo 3, é deixado de lado.,

## A fantasia

Para Mikhail Bakhtin “o carnaval é a glorificação das coisas que ocorrer da cintura para baixo”. Mais uma vez as escolas de samba tomam um sentido inverso, pois cada vez mais as fantasias privilegiam o corpo acima da cintura, valorizando golas, esplendores e cabeças.

A fantasia vestida pelo componente das escolas de samba está, também, mais próxima do uniforme que “igual e corporifica” que da fantasia propriamente dita que “distingue e revela”, de acordo com a diferenciação elaborada por DaMatta<sup>42</sup>.

## O altar do carnaval

É deste modo, afastando-se das suas origens transgressoras e carnavalescas que as escolas de samba se aproximam do sentido organizador e atestador da ordem social, próprio da religião.

O desfile torna-se uma cerimônia religiosa, remontando às antigas festas processionais de Nossa Senhora do Rosário. As fantasias deixam de ser libertárias para individualizar grupos. O espaço deixa a rua e passa para o templo. A localização temporal se afasta da ambigüidade do período de pré quaresma e passa a independe de ciclos anuais. A cadeia que foi iniciada pelo menos há 2.000 anos na Babilônia se rompe. As escolas de samba se afastam de suas origens e navegam em sua barca sagrada em busca de um novo porto.

Seu destino... é assunto de um outro trabalho.

## Conclusão

O Homem, buscando explicar o que ultrapassa sua capacidade de compreensão, cria o sentimento do sagrado. Tal sentimento busca organizar e estruturar aquilo que está além da possibilidade de apreensão de uma dada sociedade. O contato com o sagrado dá-se através da estruturação, da organização.

Um outro modo de se estabelecer este contato, diametralmente oposto ao "método religioso" é o do abandono de qualquer racionalidade. O homem se entrega ao deus deixando-se possuir "irracionalmente" por seu sentimento. Desde o começo da civilização ocidental temos notícias de rituais de possessão em festas dedicadas a deuses da colheita, do vinho e da procriação, entre outros. Tais festas, e o sentimento de entrega orgiaca associado a elas, deram origem ao que hoje chamamos de carnaval.

Religião e carnaval possuem, assim, uma angústia original comum. Buscam ambas respostas a perguntas de teor semelhantes: Religião e carnaval, aparentemente tão diferentes, possuem uma origem comum. Um ponto inicial da qual ambas tendem a se afastar em direções

opostas. A religião buscando a organização racional, o carnaval a desorganização irracional.

Analizamos, em termos gerais, a religião e o carnaval em busca das origens e dos sentido que viessem corroborar nossa hipótese inicial.

Dentro deste quadro mais amplo, introduzimos dois exemplos destas buscas do sagrado tirados da nossa realidade atual. A umbanda, religião brasileira, e carioca, representando a religião; e as escolas de samba, manifestação originada do Rio de Janeiro que representa a essência do nosso carnaval.

Será que ambas as manifestações se enquadrariam dentro deste conceito? Umbanda e carnaval teriam realmente sentidos opostos?

A umbanda - religião surgida em Niterói, na primeira metade do século XX, de acordo com alguns pesquisadores - possui também todo um sentido "carnavalesco", em seu caráter desorganizador, desestruturador, centrado na possessão, no contato direto com o sagrado.

Já as escolas de samba - originadas da interinfluência de diversas manifestações sagradas e profanas, tais como o entrudo e as festas de N. S. do Rosário- estariam buscando a cada ano uma organização, uma estruturação do sentimento carnavalesco.

O exemplo do ponto central do qual se afastam em sentidos opostos a religião e o carnaval deixa claro que umbanda e escolas de samba, ao inverterem os sinais dos sentidos estariam buscando uma possível reunião das manifestações de contato com o sagrado. Uma tentativa de reunificação do racional com o irracional. Uma união impossível, porém desejada, que se manifesta em cada terreiro, nome que se dá tanto ao espaço sagrado da umbanda onde acontecem as pos-sessões, quanto ao espaço profano das quadras das escolas de samba onde acontecem os ensaios para o desfile do carnaval. Termo dual e ambíguo como o enredo do GRES Grande Rio para o carnaval de 1994<sup>43</sup>, mistura de religião e carnaval onde santos, destaques, preceitos e passistas conviviam numa harmonia com sabor carioca.

África... Misteriosa África/ Magia,  
no rufar dos seus tambores se fez  
reinar / Raiz que se alastrou, por esse

imenso Brasil / Terra dos santos que  
ela não viu / Da negra terra é lei /  
Veio o meu negro rei / Ogun de fé  
que nesse solo se encantou / No  
mercado os ciganos lhe venderam  
ao senhor / Do tumbeiro a senzala  
seu lamento ecoou / Plantou  
caiana... Socou café / pilou dendê...  
Pra benzer filho de fé / E no culto  
de malê... / Viu no culto de malê  
(malê, malê) / Preto velho catimbó  
(catimbó) / De um povo morenado  
/ Conheceu caboclo bravo,  
fascinado por Tupã... (Yara) / Yara  
no rio, sereia no mar / É Janáina  
que seduz com seu cantar / Correu  
gira pelo norte, capoeira azar ou  
sorte / No nordeste conheceu /  
Quem viveu na boemia /  
Malandragem, valentia e até hoje  
não morreu / Eu sou jongueiro  
baiana, / Sapucaí eu vou passar / E  
a Grande Rio vem comigo Saravá /  
Quem sou eu... Quem sou eu? /  
Tenho o corpo fechado / Rei da noite  
sou mais eu!!!

## Notas

<sup>1</sup>Alves, 1991, p.8

<sup>2</sup>DaMatta, 1986, p.112. DaMatta, Roberto.

<sup>3</sup>Fabre, Daniel.

<sup>4</sup>Fabre, 1992, p.29.

<sup>5</sup>DaMatta, 1986, p.114.

<sup>6</sup>Fabre, 1992, p.16.

<sup>7</sup>Fabre, p.37.

<sup>8</sup>Ibidem, pp.54-55.

<sup>9</sup>Ibidem, pp.90-91.

<sup>10</sup>Fabre, 1992, p.43.

<sup>11</sup>A própria etimologia da palavra carnaval nos indica este sentido de passagem. Michel Feuillet em s.

<sup>12</sup>Feuillet, 1991, p.16.

<sup>13</sup>Umbanda: Uma Religião Brasileira.

<sup>14</sup>Meyer, 1993.

<sup>15</sup>Madame Satã, samba enredo da SRES Lins ImperialLins Imperial.

<sup>16</sup>Sebe, 1986, p.26.

<sup>17</sup>Cf. capítulo 3.

<sup>18</sup>Comentando a grande remodelagem espacial ocorrida na Europa nos séculos XI e XII, Fabre (1992, p.36) ressalta que “*sur un mode différent, les carnivals ruraux abondent aussi en gestes qui donnent sens à l'espace commun (...)*” (grifo meu). Isto é, o carnaval funcionando como uma forma de organizar, dar sentido, ao espaço comum.

<sup>19</sup>Cabral, 1974.

<sup>20</sup>Sebe, 1986, p.66.

<sup>21</sup>Ibidem, 1986, p.71.

<sup>22</sup>Note-se aí, a utilização do termo “exaltação” bastante associado a manifestações religiosas.

<sup>23</sup>Fabre, 1992, p.104.

<sup>24</sup>DaMatta, 1990, p.46.

<sup>25</sup>Bakhtin, 1993, p.6.

<sup>26</sup>A ponto das escolas campeãs em 1982 e 1983; Estácio e Salgueiro, respectivamente; conseguirem a vitória principalmente pelo fato de terem sido as únicas a contagiar o público, em detrimento da qualidade mesma do desfile.

<sup>27</sup>Cf. o prêmio Estandarte de Ouro de 1994 para melhor Ala de Baianas dado à escola de samba Imperatriz Leopoldinense pelo fato de todas as baianas cruzarem os braços sobre o peito numa determinada passagem do samba.

<sup>28</sup>Outra função ocupada pelas classes mais baixas é a de ritmista. Esta, apesar de relativamente valorizada, representa uma espécie de obrigação para o componente, que precisa comparecer à quadra, assinar presença e batucar a cada ensaio por um período pré determinado para fazer juz à fantasia no dia do desfile.

<sup>29</sup>DaMatta, 1990, p.50.

<sup>30</sup>Os Santos Que a África não Viu, criado pelo carnavalesco Lucas Pinto.

<sup>31</sup>Comentando a grande remodelagem espacial ocorrida na Europa nos séculos XI e XII, Fabre (1992, p.36) ressalta que “*sur un mode différent, les carnivals ruraux abondent aussi en gestes qui donnent sens à l'espace commun (...)*” (grifo meu). Isto é, o carnaval funcionando como uma forma de organizar, dar sentido, ao espaço comum.

<sup>32</sup>Cabral, 1974.

<sup>33</sup>Sebe, 1986, p.66.

<sup>34</sup>Ibidem, 1986, p.71.

<sup>35</sup>Note-se aí, a utilização do termo “exaltação” bastante associado a manifestações religiosas.

<sup>36</sup>Fabre, 1992, p.104.

<sup>37</sup>DaMatta, 1990, p.46.

<sup>38</sup>Bakhtin, 1993, p.6.

<sup>39</sup>A ponto das escolas campeãs em 1982 e 1983; Estácio e

Salgueiro, respectivamente; conseguirem a vitória principalmente pelo fato de terem sido as únicas a contagiar o público, em detrimento da qualidade mesma do desfile.

<sup>40</sup>Cf. o prêmio Estandarte de Ouro de 1994 para melhor Ala de Baianas dado à escola de samba Imperatriz Leopoldinense pelo fato de todas as baianas cruzarem os braços sobre o peito numa determinada passagem do samba.

<sup>41</sup>Outra função ocupada pelas classes mais baixas é a de ritmista. Esta, apesar de relativamente valorizada, representa uma espécie de obrigação para o componente, que precisa comparecer à quadra, assinar presença e batucar a cada ensaio por um período pré determinado para fazer juz à fantasia no dia do desfile.

<sup>42</sup>DaMatta, 1990, p.50.

<sup>43</sup>Os Santos Que a África não Viu, criado pelo carnavalesco Lucas Pinto.

## Bibliografia

- Alves, Ruben. *O Que é Religião*. São Paulo. Brasiliense. 1991. 14ª Ed. (Coleção Primeiros Passos; 31). 134 p.
- Araújo, Hiram (org.). *Memória do Carnaval*. Rio de Janeiro. Oficina do Livro. 1991. 408 p.
- Bakhtin, Mikhail. (tradução Yara Frateschi Vieira) *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo, Brasília. Edunb, Hucitec. 2ª Ed. 1993. 420 p.
- Birman, Patrícia. *O Que é Umbanda*. São Paulo. Abril Cultural, Brasiliense. 1985. (Coleção Primeiros Passos; 34). 110 p.
- Cabral, Sérgio. *As Escolas de Samba, o Quê, Quem, Como, Quando e Por Quê*. Rio de Janeiro. Fontana. 1974.
- Costa, Valdeli Carvalho da. *Umbanda: Os Seres Superiores e os Orixás/Santos*. 2 vols. São Paulo. Edições Loyola. 1983.
- DaMatta, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para Uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro. Guanabara. 5ª Ed. 1990. 288 p.
- DaMatta, Roberto. *O Que Faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro. Rocco. 1986. 126 p.
- Fabre, Daniel. *Carnaval ou La Fête à L'Envers*. (Paris) Gallimard. 1992. 160 p.
- Ferreira, Firmino (org.) *300 Pontos (Cantados e Riscados) de Exu e Pomba-gira*. Rio de Janeiro. Editora Eco. 1971. 96 p.
- Feuillet, Michel. *Le Carnaval*. Paris. Les Éditions du Cerf. 1991. (Collection Bref, 39). 128 p.
- Fontenelle, Aluizio. *Exu*. Rio de Janeiro. Editora Espiritualista. 7ª Ed. 1972. 244 p.
- Magnani, José Guilherme Cantor. *Umbanda*. São Paulo. Ática. 2ª Ed. 1991. 64 p.
- Meyer, Marlyse. *Caminhos do Imaginário no Brasil*. São Paulo. Edusp. 1993. 232 p.
- Meyer, Marlyse. *Maria Padilha e Toda a Sua Quadrilha: De Amante de Um Rei de Castela a Pomba-Gira de Umbanda*. São Paulo. Duas Cidades. 1993. 172 p.
- Moraes, Eneida. *História do Carnaval Carioca*. Record (Nova Edição revista e atualizada por Haroldo Costa) 1987. 262 p.
- Omolubá (pseud.). *Maria Molambo na Sombra e na Luz*. Rio de Janeiro. Pallas. 5ª Ed. 1985. 136 p.
- Portugal, Fernandes. *Curso de Cultura Religiosa Afro-brasileira*. Rio de Janeiro. Freitas Bastos. 1988. 181 p.
- Ribeiro, José. *Catimbó de Zé Pilintra*. Rio de Janeiro. Editora Espiritualista. (s.d.) 110 p.
- Sebe, José Carlos. *Carnaval, Carnavais*. São Paulo. Ática. 1986. (Série Princípios, 65) 96 p.
- Umbanda: Uma religião Brasileira. Ano I. Nº 3. São Paulo. Editorial Escala. (s.d.)
- Velho, Yvonne Maggie Alves. *Guerra de Orixá: Um Estudo de Ritual e Conflito*. Petrópolis. Zahar. 1975. 170 p.

Este artigo foi realizado a partir da monografia desenvolvida no 1º semestre de 1994 para a disciplina Questões de Religiosidade Popular, do Mestrado em História da Arte EBA/UFRJ, orientada pela Profª Liana Silveira.